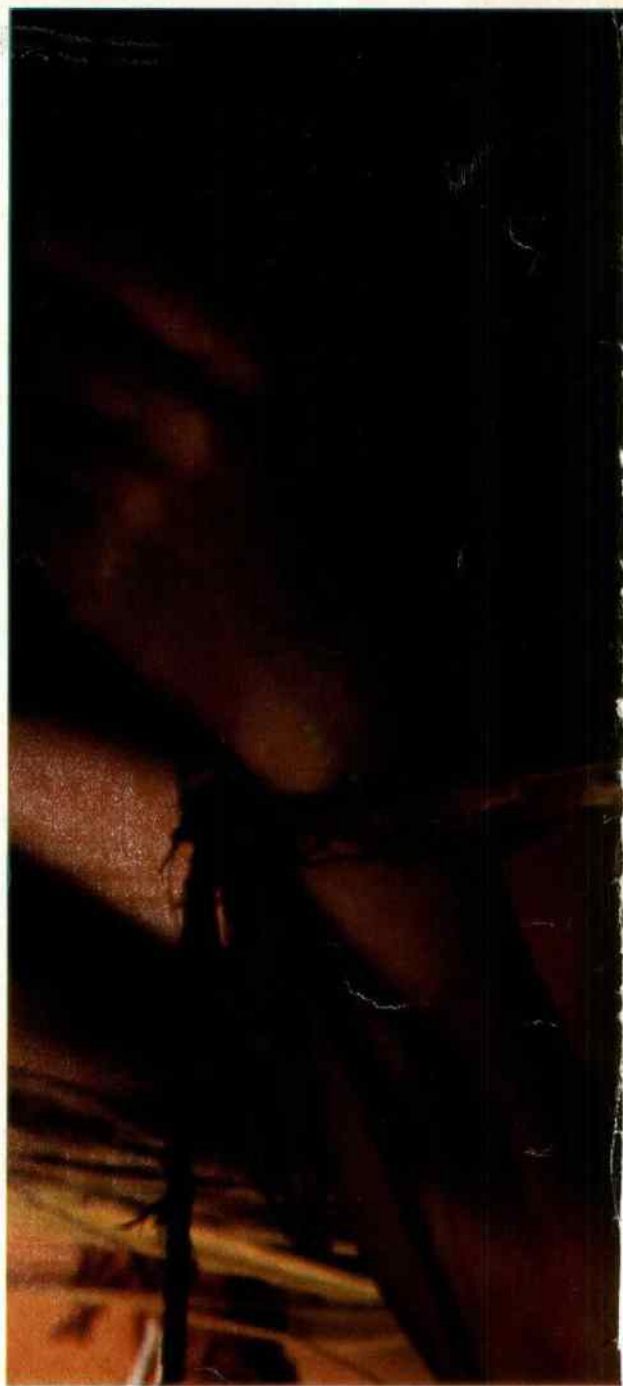


A canoa deslizou pelas águas do alto Catrimani. Debruçada nas margens do rio, a floresta começava a despertar, naquela manhã de junho de 1976, em Roraima. Padre João Saffirio estava lá, no meio da mata, quando a canoa atracou na missão. Entre os ianomâmis desde 1968, vivendo a poucas centenas de metros da aldeia Wakathautheri, ele era contestado, na época, pela maioria dos religiosos que atuavam em missões na Amazônia. Católico, nascido em Piemonte (Itália), João se recusava a aculturar ou catequizar os índios na concepção clássica dessa prática. Defendia a integração sem pressa, com intercâmbio de valores, interconhecimentos de histórias e culturas. “A comunidade ianomâmi depende da mata, essencial para sua formação e sobrevivência. Progresso e desenvolvimento só são válidos se forem para o crescimento total e livre do homem índio” — preconizava.

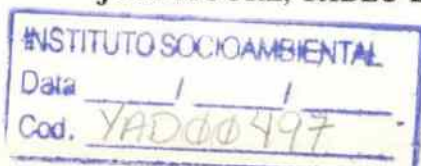
A proposta daquele padre jovem e barbudo estava em meus ouvidos quando me deparei com os olhos amendoados, meigos e brilhantes dos primeiros ianomâmis me observando — há 14 anos. No interior da grande calota coberta de palha, pequenos feixes de luz penetravam pelos orifícios da malha de folhas de ubim, diminuindo a penumbra e azulando a grande *yaño* (casa coletiva). À medida que as minhas pupilas se dilatavam, esquecendo a clareza lá de fora, a maloca assumia proporções de uma catedral gótica; a cobertura na parte central se distanciava do chão uns 10 metros. “*Káha nápá wa!*” — falou e repetiu várias vezes o mais desinibido. João traduziu: “Você é estrangeira!” Daí em diante, quando gritavam “*nápá nápá!*”, sabia que era comigo.

Mas naquela manhã havia uma certa tensão e minha visita a *yaño* foi rápida. Puunam, a esposa mais antiga de Huko,



Memórias do Éden

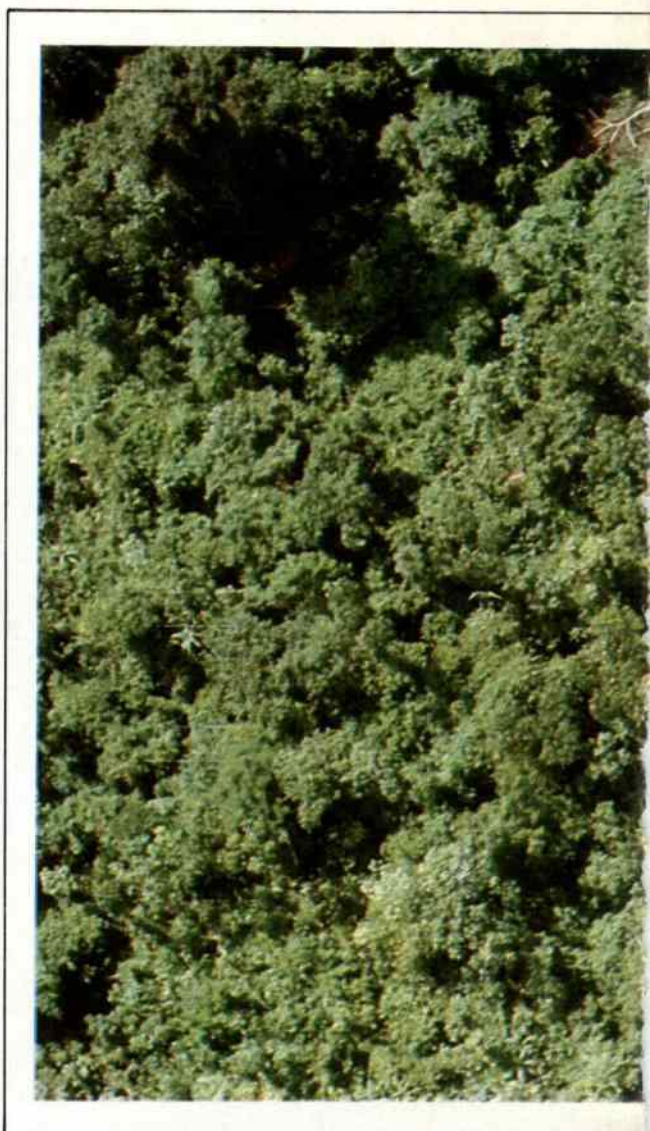
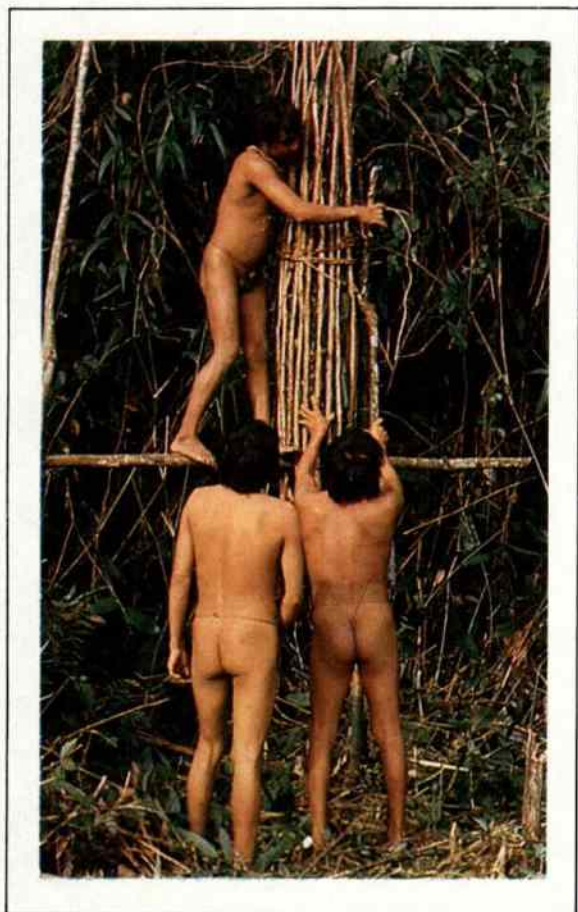
Texto de ATENÉIA FEIJÓ • Fotos de CRISTIANA ISIDORO,
JOSÉ MOURE, TADEU LUBAMBO e RICARDO FUNARI





Durante vários anos tive oportunidade de conhecer aldeias de diversos grupos indígenas, fazendo reportagens para a revista Manchete. Os ianomâmis sempre me impressionaram por serem o maior grupo primitivo da atualidade da América Latina — cerca de 16 mil, espalhados pelo norte do Amazonas, noroeste de Roraima e sul da Venezuela. Mesmo assim são uma minoria de pessoas indefesas diante dos interesses selvagens do homem civilizado.

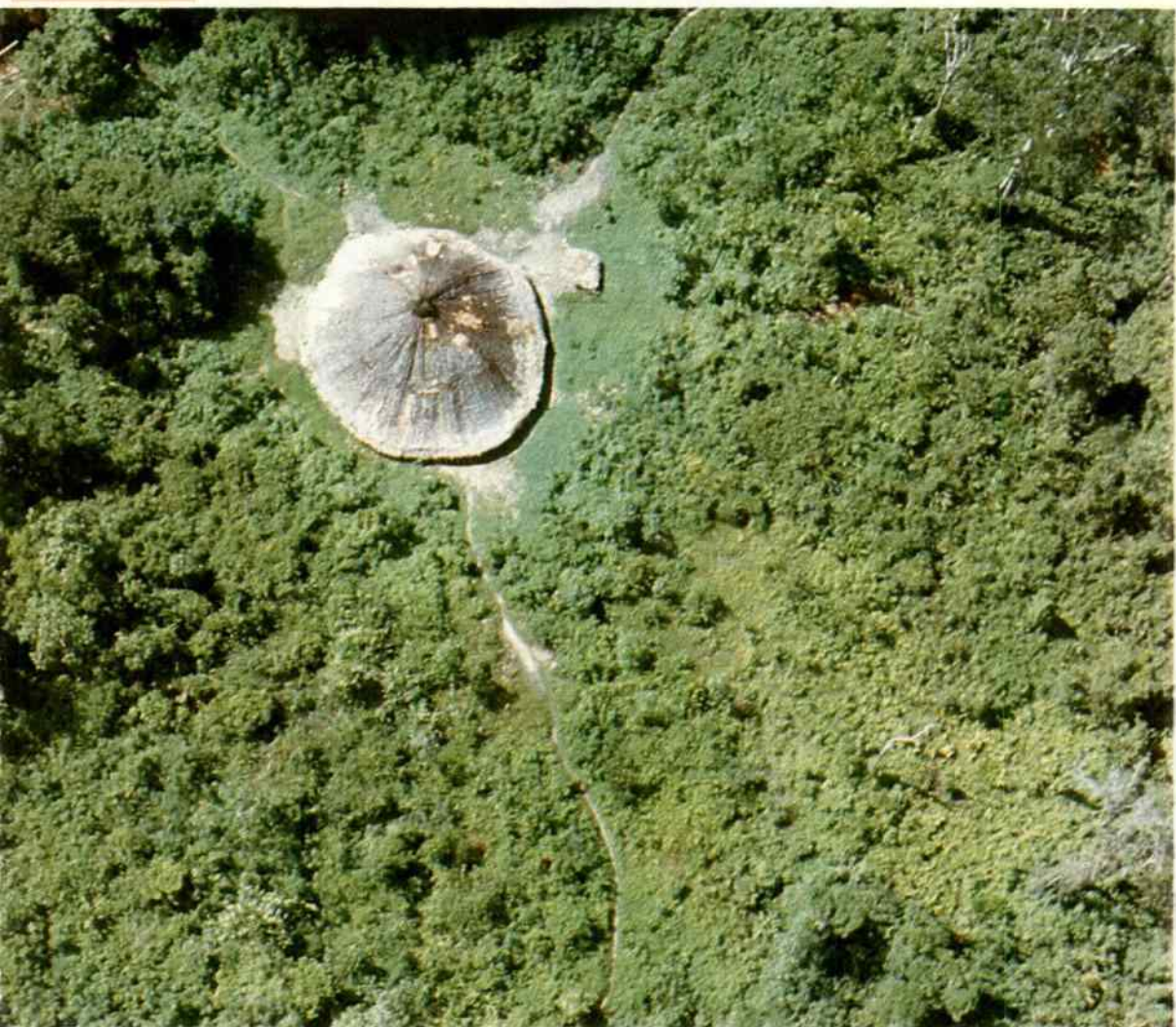
A urna funerária é transportada para o meio da mata, bem longe da yaño. Quando os vermes tiverem devorado o corpo, retornará à maloca para a cremação.



morrera de velhice e a consternação não se dissipara. O corpo da índia, colocado em posição fetal dentro de um cesto tecido com palha de inajá, totalmente fechado, acabara de ser transportado por um grupo de homens para a floresta. No fim do dia, quando a *polibo* (lua) subiu definindo as sombras da noite, um canto dramático ecoou na *yaño*, juntando-se à coaxada noturna dos sapos. Os parentes ainda choravam a morte de Puunam, embora àquela hora, bem longe da aldeia, o cadáver da velha índia pertencesse à mata. E por mais que a *diihia* (onça) esturasse, não conseguiria alcançá-lo.

Dentro do cesto e enrolado na esteira de cipós, o corpo de Puunam estava suspenso

no alto de um tripé formado por troncos finos e fixados firmemente no chão. Ficaria lá para ser comido pelos vermes, pelas formigas, pelos insetos carnívoros. Quando os ossos chocalhassem limpos dentro do cesto, os restos mortais seriam carregados, em cortejo, de volta para a maloca e entregues ao esposo e descendentes, para a cremação. Os ossos mais duros que resistissem ao fogo iam ser pilados até se transformar em pó, guardado pelos parentes em pequenas cabaças fechadas com cera de abelha. Várias luas iam passar até acontecer um *reahamu* — festa na época da colheita da pupunha ou de fartura de banana e macaxeira. Para o *reahamu*, os ianomâmis da Wakathautheri



convidariam os ianomâmis das tribos vizinhas e comeriam as cinzas de Puunam misturadas a um mingau.

Atento ao lamento que se propagava da *yaño*, João explicou ainda que o ato de ingerir as cinzas da morta não teria qualquer conotação antropofágica. Aquilo simbolizaria, antes de tudo, uma espécie de comunhão. Para os índios, um pedacinho de espírito de Puunam ficaria dentro deles, para fortalecer a aldeia.

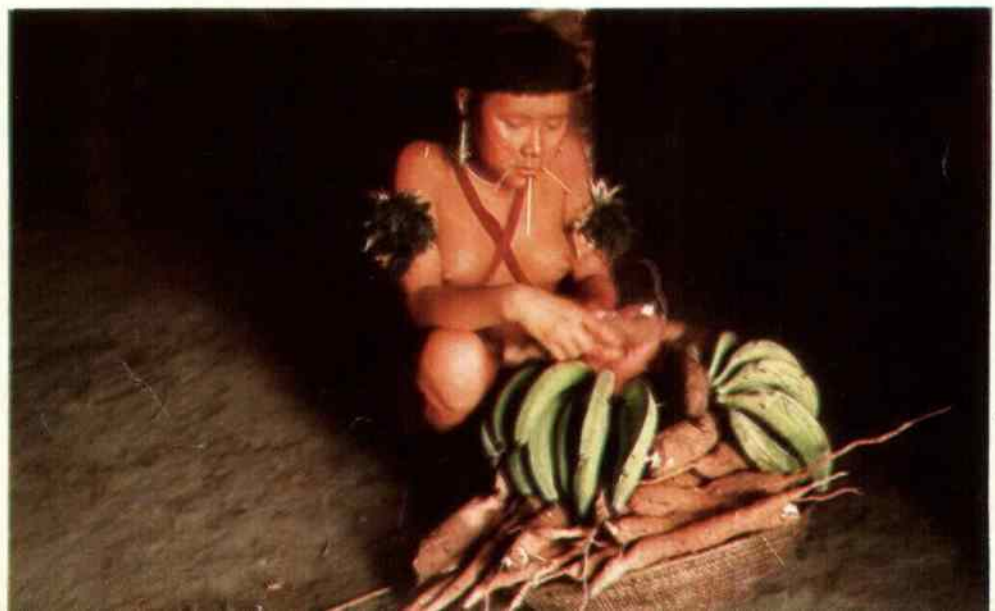
Nos dias que se seguiram pude me inserir no cotidiano dos habitantes de Wakathautheri na medida em que me comportava como eles queriam. Ou seja, nada de me meter nas funções exclusivamente masculinas. Bem-humorados, os homens

se mostravam mais comunicativos. As mulheres se tornavam mais expansivas em grupinhos. No banho no igarapé com as índias, elas se divertiam rindo do meu púbis peludo e da minha pele desenhada com a marca do biquíni usado nas praias cariocas. Nessas ocasiões era gratificante testemunhar a farra das crianças e a alegria, por exemplo, de Maupisa, grávida de sete meses. E a felicidade de Emaron, banhando com carinho seu bebê rechonchudo.

As mulheres cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos. Cozinham, ralavam a mandioca para preparar a massa do beiju, faziam os *xotehis* (cestos de vários tamanhos). Trançavam cipó-titica e con-

Em cachos, frutos de uma palmeira, a pupunha é um dos alimentos mais apreciados pelos ianomâmis, que chegam a comemorar a primeira colheita com uma grande festa: o reahamu. Eles se deliciam comendo esses frutos cozidos, em forma de caldo ou mingau. A pupunheira, inclusive, é plantada, embora a roça se baseie mais no cultivo de banana e mandioca. Os ianomâmis também são gulosos por certas larvas que se criam no caule das palmeiras, e por vespas e mel. Na sua dieta ainda incluem peixes, algumas espécies de cobras, rãs, jabutis, tracajás e tartarugas. Mas a carne predileta é de macaco-coatá. E mais: não desperdiçam os piolhos e os bichos-de-pé, catados e devorados alegremente.





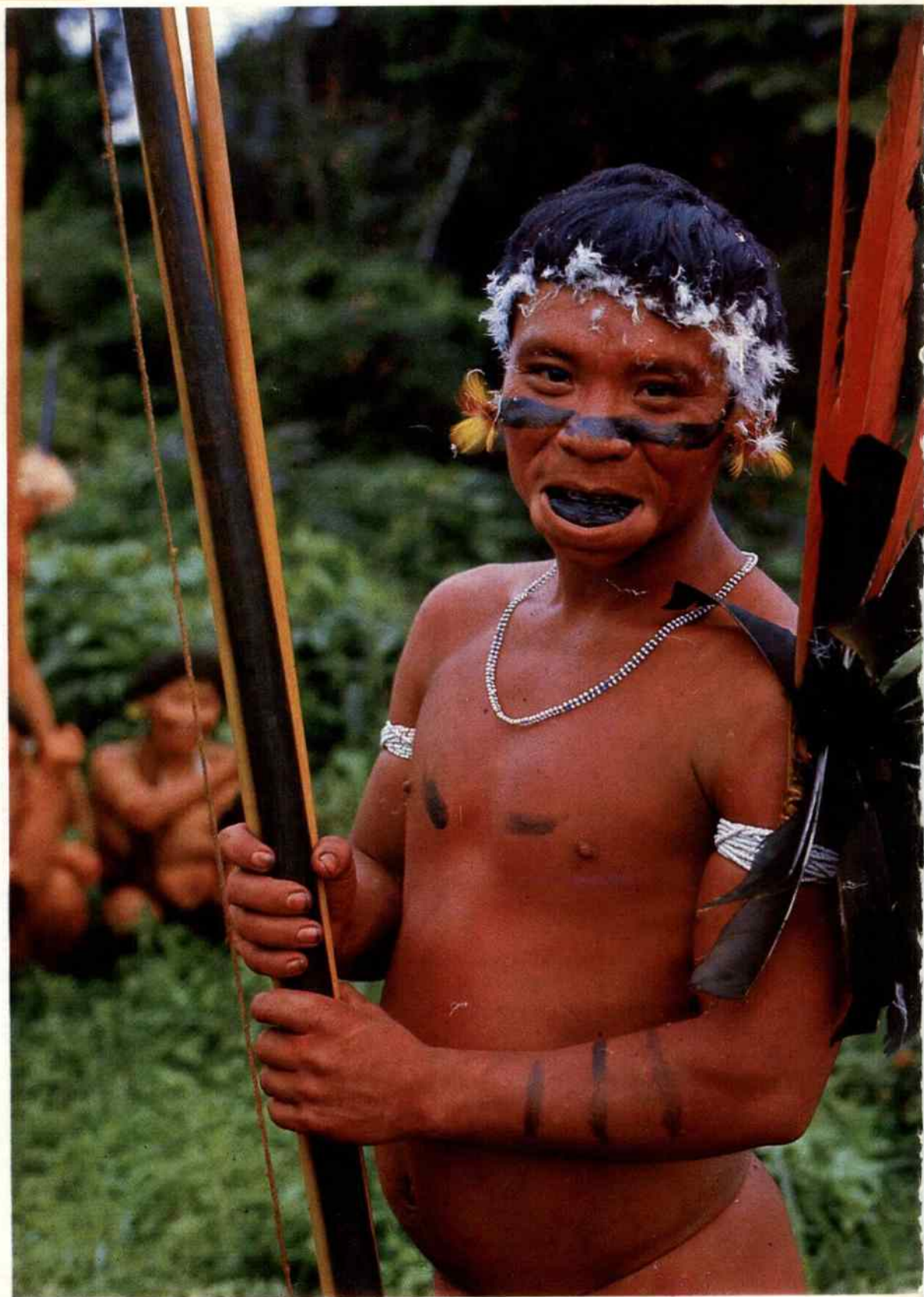


feccionavam o *wu-a*, cestos grandes para carregarem nas costas transportando lenha e mandioca. Teciam os fios de algodão (plantado na roça) para as redes de dormir e as tangas. Os homens ficavam com a caça, a pesca de arco e flecha, o plantio na lavoura, a fabricação das próprias armas e a segurança da família. Ao acompanhar Pauxim e Sanari à roça, tive chance de entender melhor essa divisão de tarefas. No caminho, Sanari ia na frente com o filho, levando o machado no *wu-a*. Pauxim ia atrás, segurando o terçado (facão), arco e flechas. Na volta, a mulher

vinha sobrecarregada com o *wu-a* lotado de lenha e mandioca, enquanto ele continuava atrás, lépido e sem carga — o que me causava uma certa indignação. Entretanto, com o entardecer e o cansaço da caminhada, a mata começava a sugerir ameaças ocultas. Nesse instante a presença de Pauxim na retaguarda me pareceu agradável e confortante. Livre de peso ou qualquer coisa que pudesse embarçar, ele estava pronto para acionar o arco ou o terçado no caso de precisar defender a família — e a pessoa agregada, naturalmente.



Para transportar uma caça mais pesada, os homens confeccionam rapidamente um jamaxi feito de cipó e folhas, dentro da própria floresta. A lenha ou a produção da roça é carregada sempre pelas mulheres. Mesmo as mais velhas demonstram uma força descomunal. Elas chegam a suportar mais de 30 quilos de carga nas costas, ao contrário dos homens, que raramente carregam peso, principalmente durante as caminhadas. Nessas ocasiões eles se limitam a levar o arco e as flechas, cabendo-lhes uma outra tarefa: a segurança da família.





Os homens são vaidosos. Enfeitam-se com araxina, adornos com penas de arara, papagaio, cujubim e mutum usados como braçadeiras e brincos. Ornamentam a cabeça com horoma-ép, penugem branca colocada em flocos entre os cabelos. Gostam também de consumir folhas de tabaco que, depois de enroladas e passadas na cinza, são introduzidas entre a arcada dentária e o lábio inferior. Na arte de esticar bem o arco e atirar uma flecha certa é fundamental o bom manejo do corpo, muito treino, grande força e elasticidade muscular.





Em outra ocasião, participei de uma divertida excursão para a coleta de ingá. Pehem, uma índia velha de seios pendurados no ombro, veio me chamar. Com a percepção aguçada e algumas palavras-chave em ianomâmi, decoradas, atendi aos seus sinais. Ela me incentivava a seguir o grupo de mulheres e crianças que se embrenhava na mata, liderado pelo índio Xoarim. Fui a reboque da fila indiana, tentando acompanhar os passos miúdos e rápidos daqueles índios que venciam com a maior facilidade o chão alagado e escorregadio. Por um momento tropecei e escorreguei na lama, sentindo que os caminhantes se distanciavam. Já me imaginava perdida na floresta sem saber como voltar para a aldeia, quando vi Pehem



Os ianomâmis adotam a poligamia desde que o homem seja forte e bom caçador para garantir a alimentação das mulheres e dos filhos. O carinho da mãe com seu bebê é comovente. Para onde vai, ela o carrega na lainate (tipóia), grudado ao calor de seu corpo, faça sol ou chuva.

gritando e vindo na minha direção, acompanhada da robusta Raurem — a jovem musa da Wakathautheri. Meu sorriso e meu olhar agradecido devem ter sido recompensadores. Risonhas, passaram a andar devagar para me protegerem. Xoarim achou o ingazeiro e podou a árvore com machado, jogando os galhos carregados de ingá no chão. Começava a chover e o mulherio e a criançada correram em algazarra para colher as vagens.

Um dia surpreendi os homens alisando as penas das flechas com atenção redobrada. Verificavam a ponta e estendiam os arcos. Checavam tudo para a caçada, prontos para encarar a mata mais fechada, entrelaçada de cipós, espinhos e liana flexíveis. O entusiasmo estampava-se nos rostos alegres e excitados dos rapazes. Sobrei. Tive de me contentar com os relatos detalhados de Padre João e do fotógrafo José Moure. Ao encontrarem um rastro, por exemplo, os índios colocavam o dedo em cima da pegada e verificavam, pelo calor e profundidade, se era fresco ou não. A partir daí seguiam o rastro, parando, uma vez ou outra, para escutar ruídos. Com o auxílio de folhas imitavam pios e certos cantos de aves para atrair os animais. Quando avistou o alvo, um dos caçadores saiu da trilha, armou o arco e atirou a flecha para o alto. Subiu numa árvore e lá de cima jogou o mutum flechado. No chão, retirou a flecha fincada na ave, cortou um pedaço de cipó fino, amarrou-a e jogou-a nas costas. Assim foi com o mutum, o jacu, os dois macacos-coatá e o jabuti entregues às mulheres encarregadas de os preparar moqueados, cozidos ou assados. A próxima caçada só aconteceria quando houvesse necessidade de mais carne para se alimentarem.

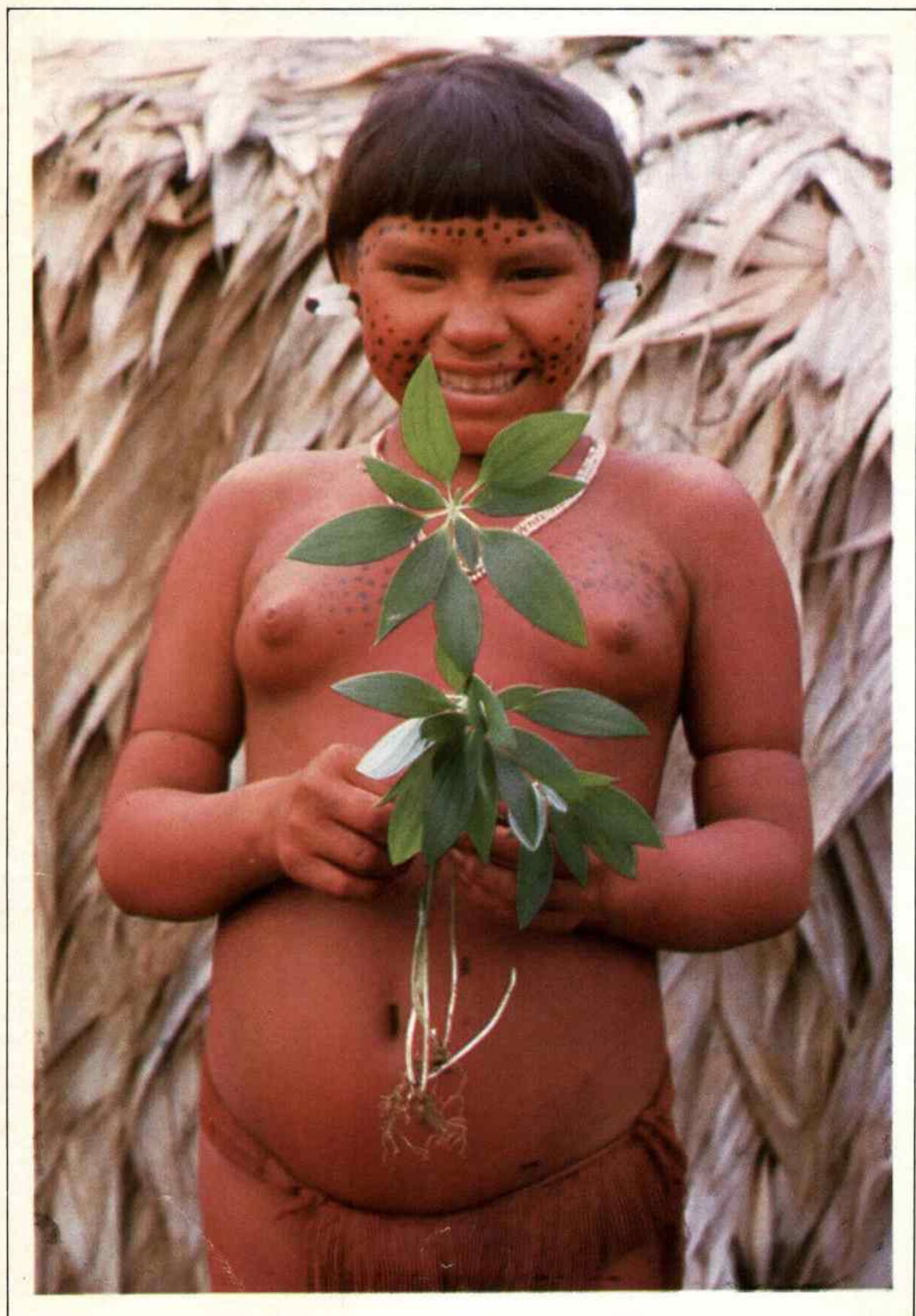
Passara-se uma semana e Huko, o viúvo de Puunam, queixava-se de fraqueza, de um mal-estar. Sua outra mulher, a Urihim, consultou os *xapuris* (pajés) Putu e Naro, dois jovens irmãos. Eles concordaram em fazer o *xapurimu*. Prepararam-se para o ritual tingindo o corpo de urucu e carajiu. Enfeitaram-se com *arixixina*, *araxina* e *horóma-ép*. Aproximaram-se de Huko, deitado na rede, para observá-lo por alguns instantes. E, então,



Pelos padrões ianomâmis, mulher bonita deve ter o corpo forte e roliço. Mas quando jovens todas são graciosas e com uma expressão corporal muito dengosa. De temperamento caprichoso, teimosas, costumam brigar com os maridos que, por sua vez, batem nelas de borduna, deixando-as com cicatrizes no couro cabeludo.



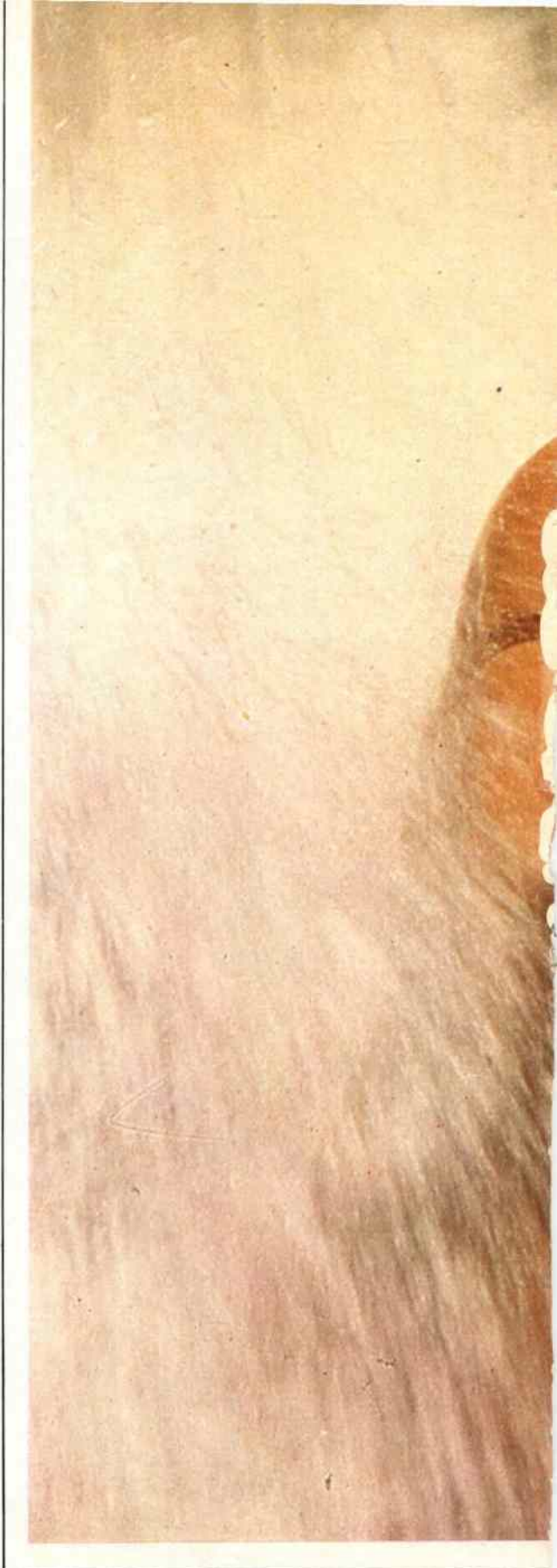
Adeptas do manacase — uma batatinha com poderes anticoncepcionais, — as mulheres programam um novo filho quando o menor já tem uma certa autonomia. Quando nasce uma menina, a avó a deflora com o dedo. Em poucos meses ela estará prometida ao seu futuro marido, embora só venha a ter relações sexuais após a primeira menstruação. Não são raras as guerras intertribais entre os ianomâmis tendo como causa o rapto de mulheres — principalmente quando diminui o nascimento de meninas. Eles são extremamente cuidadosos na linhagem dos casamentos, a fim de evitar incesto.



Os banhos são sempre uma fonte de prazer e alegria. Mas geralmente em grupos, separados por sexo: o dos homens e o das mulheres com as crianças.

aspiraram a *yakoana*, um alucinógeno retirado da casca de uma árvore. Com os dedos introduziram o pó escuro nas próprias narinas, para soprá-lo com o auxílio de um pequeno bambu, cada um no nariz do outro. A partir daí, os olhos de Naro e Putu brilharam com mais intensidade, ao mesmo tempo em que batiam no peito, se movimentavam muito e gritavam. Quando um muco empregado começou a escorrer por suas narinas, parecia que tinham alcançado uma outra dimensão. Seus movimentos ficavam cada vez mais largos e graciosos. Imitavam o andar das garças, emitiam sons estranhos, cantavam como os pássaros e davam a impressão de ouvir ruídos fantásticos. Neste clima mágico dirigiram-se, um de cada vez, à rede de Huko. Sem tocá-lo, envolviam seu corpo com as mãos, como se tivessem arrancado alguma coisa de dentro dele. Afastavam-se com os braços estendidos para a frente carregando algo, invisível, que desejavam levar para longe.

No universo misterioso dos ianomâmis, as desgraças são espirituais. Os *xapuris* têm vários *hekurab* (espíritos) morando dentro deles. A *yakoana* libera os *hekurab* que são convocados para curar o doente. Em junho de 1977, um ano depois, recebi uma carta dolorosa de Padre João. O vírus do sarampo chegara às cabeceiras do rio Catrimani, levado pela Perimetral Norte, matando 68 ianomâmis — na maioria mulheres e crianças. “As malocas estão vazias. Sobraram quase somente os homens. Eles percebem que são os últimos, que não adianta lutar: flecha nenhuma mata o feitiço do sarampo; pajé nenhum consegue arrancá-lo dos corpos dos filhos e dos irmãos. Os que sobraram vivem com medo porque ele pode voltar mais uma vez. E os remédios chegam sempre tarde demais. Só servem para os noticiários nos jornais e na televisão.” O tom de desespero da carta pode ser traduzido numa de suas frases: “Eu não sou mais o Padre João que você conheceu.” Não tive coragem de retornar ao Catrimani.









No interior da *yaño* cada família tem um lugar privativo para acender sua fogueira, armar seu jirau e suas redes — e para tecer um wu-a com tranqüilidade.

Voltei a Surucucu, a serra na região do Parima, quase na fronteira oeste com a Venezuela. Lá se concentra a maioria dos ianomâmis isolados — graças à topografia acidentada que dificulta o acesso às aldeias. Mas nem a encosta íngreme, nem a floresta virgem, nem os igarapés encachoeirados impediram a aterrissagem de aviões no platô do dorso da Surucucu. Por sorte e determinação da política indigenista, na época, pude acompanhar, em 1976, a expulsão dos garimpeiros (ainda em número pequeno) que já haviam invadido a área em busca de cassiterita. Quando retornei, em 1983, os ianomâmis estavam ameaçados novamente. Uma empresa mineradora, a Codesaima, se habilitava a explorar o minério na região.

A última imagem que guardo de Surucucu, registrada há sete anos, é muito bonita. Num igarapé de águas cristalinas uma índia adulta, três adolescentes e uma menina pegavam camarões com uma peneira feita de cipó. Desentocavam caranguejos com um pedaço de pau, apanhavam caramujos com as mãos e pequenos peixes, de linha e anzol. No caminho para a maloca ainda colhiam cogumelos e frutos silvestres. Apanhavam flores, brotos de folhagens e sementes de arbustos que iam enfiando nos lóbulos furados das orelhas e nas braçadeiras de algodão. Numa cachoeira, desataram o cinto de fios de algodão (pendentes na frente para cobrir o púbis) e banharam-se. Recolocaram a tanga e esfregaram o corpo com as sementes vermelhas de urucu. Como entardecia, apressaram-se em retornar à *yaño* antes do escurecer. Havia o temor de que o espírito da cachoeira se apoderasse delas. Como me retardasse no banho, elas me chamavam, já do alto da cachoeira, aflitas e solidárias.

A questão permanece: vale mais a cassiterita e o ouro ou a magia e o paraíso ecológico dos ianomâmis?